

“

Coletivo Aroeira: Agroecologia como ferramenta de atuação com a estratégia de Redução de Danos e de Promoção de Saúde

▮ Ana Luiza Lemos **Cavalcanti**
UnB

RESUMO

O artigo traz reflexões a partir de uma pesquisa-intervenção realizada no Setor Comercial Sul, em Brasília - DF, utilizando a prática da agroecologia junto à população que faz desse espaço seu local de moradia e subsistência, no âmbito do projeto de extensão universitária chamado Aroeira. A pesquisa e o presente trabalho se desenvolveram em contexto de Pibic (Programa de Iniciação Científica), edição 19/20, promovido pela Universidade de Brasília. O objetivo é verificar o alcance da agroecologia como ferramenta na promoção de saúde e redução de danos. Trata-se de um estudo etnográfico, que além do diário de campo, utilizou-se de entrevistas semi-estruturadas para a coleta de informações. Foram realizadas entrevistas com nove pessoas frequentadoras do projeto. Da análise temática resultaram as seguintes categorias: 1) o território e a forma que o ocupamos; 2) o cuidado e sua relação com a saúde, com os vínculos e com a natureza e 3) a ancestralidade e a história familiar relacionada às atividades rurais e a vida no campo. A riqueza de construções subjetivas que as pessoas que habitam esse território produziram no contato com a natureza contrastam com a invisibilidade que a sociedade insiste em outorgar a esses ambientes e seus habitantes. Percebe-se, então, que a agroecologia se constitui numa potente ferramenta aliada ao cuidado de si, do outro e da natureza, fomentadora da redução de danos e promotora de saúde, mediada pelos importantes vínculos construídos entre as pessoas envolvidas nesse projeto.

Palavras-chave: Agroecologia, Redução de Danos, População de rua, Promoção de Saúde, Substâncias Psicoativas.

INTRODUÇÃO

Quem somos? Coletivo Aroeira

O Coletivo Aroeira é uma iniciativa construída em um contexto de intervenção comunitária, cuja proposta é multidisciplinar e que se tornou projeto de extensão do Instituto de Psicologia da UnB. Busca associar o plantio agroecológico com o fortalecimento da autonomia, assim como o incremento das redes de cuidado e de saúde das pessoas envolvidas com o cultivo e com as outras etapas do processo produtivo. O projeto é fruto do interesse de três estudantes de graduação em Psicologia, do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. Após participação em estágio obrigatório, na área psicossocial em contexto de rua, esses três alunos buscaram pensar quais elementos poderiam ser agregados à atuação em tal contexto para promover saúde e qualidade de vida a essas pessoas, de forma integral, e para reduzir os possíveis riscos e danos associados às vivências de ruas, como as inúmeras violências vivenciadas, o uso abusivo de substâncias, a dificuldade de acesso ao sistema de saúde, e, sobretudo, o racismo e o machismo estruturais. Nossa atuação pautou-se na compreensão da saúde como uma questão integral, holística (BORGES e BARLETTA, 2015) e consideramos ser fundamental a participação de diferentes pessoas que carregam diferentes saberes. A perspectiva multidisciplinar e a aliança entre o conhecimento científico e tradicional são aspectos importantes na construção desse coletivo.

O nome do coletivo faz alusão às características de resistência associadas à planta latinoamericana conhecida como Aroeira ou Pimenta-Rosa (*Schinus terebinthifolia*), que parecem combinar bem com a resiliência necessária para a vida nas ruas. A intenção das primeiras ações foi unir conhecimentos de saúde e meio ambiente para realizar oficinas de plantio que promovessem a aprendizagem com a natureza e fossem fonte de cuidado para as pessoas envolvidas e para o território de maneira geral. Desse ponto de partida, o projeto se desenvolveu e acontece há mais de dois anos no Distrito Federal.

OBJETIVOS

Nosso intuito é promover um ambiente de convívio, de contato direto com a natureza e seus ciclos, mesmo que em um meio altamente urbanizado; estimular a apropriação desse espaço, a reflexão sobre direito à cidade, o cuidado de si e do outro (plantas, espaço, colegas, território) e o empoderamento da população para a utilização das plantas para suas diversas necessidades. A partir do ecofeminismo, acreditamos que, através do cuidado, autonomia e prazer nas atividades, é possível contribuir para a ressignificação da lógica patriarcal de dominação e exploração dos nossos corpos e territórios, entendendo que a lógica machista,

que nega o direito da mulher ao próprio corpo e sexualidade, é a mesma que resulta na destruição ambiental, pois em ambos os casos se reforçam sistemas de dominação e poder do capital como autoridade maior (SHIVA e MIES, 1997).

Para isso, semanalmente nos encontramos para realizar atividades relacionadas à Agroecologia, às Artes e à Redução de Danos no território do Setor Comercial Sul (SCS), um dos principais centros comerciais e empresariais de Brasília. O SCS é um território muito movimentado, com intenso fluxo de pessoas que circulam pelo comércio, trabalham na região e também que vivem em situação de rua. Há diversos problemas de saúde e de segurança, inclusive tráfico e uso problemático de drogas, sobretudo de álcool e crack. Lá também se encontra um Centro de Atenção Psicossocial - Álcool e Drogas, o CAPS AD III, bem em frente ao primeiro sistema agroflorestal que iniciamos no território.

Para quem trabalhamos? Público-alvo

O território em que trabalhamos conta com uma expressiva população em situação de rua. Ao falar sobre População em Situação de Rua (PSR), recorreremos à definição apresentada no Decreto nº 7.053, de 2009, sendo esse grupo populacional heterogêneo que possui em comum a pobreza extrema, os vínculos familiares interrompidos ou fragilizados e a inexistência de moradia convencional regular, e que utiliza os logradouros públicos e as áreas degradadas como espaço de moradia e de sustento, de forma temporária ou permanente (BRASIL, 2009). De acordo com as últimas estimativas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), em 2015, 101.854 pessoas viviam em situação de rua no Brasil (IPEA, 2016). Apesar das dificuldades em quantificar esta população, somada à falta de interesse público, sabe-se que as mulheres são a minoria, e pessoas negras, a maioria.

A vida na rua requer enfrentamentos cotidianos frente a situações como o racismo, a violência e o uso de substâncias e seu contexto, e essas situações certamente impactam de forma diferente homens e mulheres. Tais enfrentamentos têm efeitos marcantes na saúde mental. Destacam-se questões como a maternidade, contracepção e violência sexual como desafios que as mulheres nas ruas vivenciam constantemente. É possível conhecer e refletir um pouco mais sobre essas questões no trabalho de Luana Malheiros (2018), *Tornar-se mulher usuária de crack: trajetórias de vida, cultura de uso e política sobre drogas no centro de Salvador, Bahia*. Em seu trabalho, o uso abusivo do crack é entendido como um método de aliviar o sofrimento de violências, tanto de gênero, quanto raciais que marcam a história de vida das mulheres que acompanhou. Nesse mesmo trabalho, podemos ver como a RD pode ser uma alternativa na construção de uma parceria que resulte em mobilizações diversas em busca de cuidado e de acesso aos direitos.

Nossas ferramentas: RD, Promoção de Saúde e Agroecologia

A redução de danos (RD) é compreendida como uma ética do cuidado, uma vez que promove autocuidado e busca, por meio do cuidado, direitos e autonomia, em uma perspectiva que passa tanto pelo individual quanto coletivo. Assim, é um olhar para o outro com a compreensão de que este tem liberdade de escolher e decidir sobre seu corpo, que suas decisões não implicam que tenha menos direitos de cuidar de si ou de outros. É uma perspectiva que sustenta uma ética relacional. Nesse sentido, a RD

propõe uma clínica radicalmente aberta, propondo uma escuta aberta para o que não gostaríamos de escutar. Essa 'clínica freireana', que permite ouvir além dos discursos autorizados e considerados normais, não é um privilégio do Redutor de Danos: ela pode e deve ser efetivada por todo e qualquer trabalhador da saúde, da educação, da assistência social (RAMMINGER e SILVA apud in PETUCO, 2011, p. 143).

Além disso, a RD ultrapassa o campo puramente profissional, já que é válida em diferentes dimensões, como o autocuidado e o cuidado entre pares, por exemplo.

Desde a Terceira Conferência Internacional sobre Promoção da Saúde realizada na Suécia, em 1991, as áreas de saúde e meio ambiente têm sido consideradas inseparáveis e interdependentes (OPAS, 1996). Sabemos que o equilíbrio do ambiente está intrinsecamente ligado ao conceito de saúde humana, e a Agroecologia pode tornar-se instrumento na promoção da saúde das pessoas e do ambiente. A agroecologia é a formalização de um conhecimento muito antigo, que leva em conta os saberes populares e a saúde do solo e dos seres que dele dependem. Surgiu da mobilização de diversos técnicos, agricultores e lideranças do campo em favor de uma agricultura que pretende superar os danos causados à biodiversidade e à sociedade e que, então, não seja dependente do uso de insumos químicos, das relações trabalhistas e das tecnologias empregadas até então. Esta nova proposta ficou conhecida como agricultura ecológica ou agroecologia (NAVOLAR, RIGON e PHILIPPI, 2010). Assim, percebe-se que, para além da dimensão ambiental, concerne à agroecologia as dimensões sociais, culturais e éticas, por isso, parte de um enfoque holístico e de uma abordagem sistêmica. É uma visão que integra saberes e em que o ser humano contribui para os processos naturais da terra, visando a gerar o mínimo de impacto possível. De acordo com Ribeiro, Bógus e Watanabe (2015), a agroecologia nesse contexto (urbano) pode promover o fortalecimento da concepção política de saúde, da intersectorialidade, do empoderamento local, do protagonismo individual e coletivo, da criação de ambientes saudáveis e da mobilização comunitária, por isso, pode ser considerada fator de promoção de saúde, de acordo com a Carta de Ottawa (WHO, 1986).

Nesse sentido, acreditamos que as atividades comunitárias desenvolvidas no Setor Comercial Sul contribuem para a garantia desses direitos tanto quanto provocam efeitos positivos para a saúde e bem-estar nas pessoas que delas participam, a partir do contato com a natureza, da formação de vínculos, do resgate de histórias familiares e relações com o campo, da valorização pessoal, além da consciência ambiental e social.

Metodologia

Trata-se de uma pesquisa-intervenção feita a partir de estudo etnográfico e entrevistas semi-estruturadas. Foram utilizados dados primários, de entrevistas com diferentes pessoas envolvidas com as ações do Projeto Aroeira ou com o território, moradores do local, usuários do CAPS AD, familiares dos usuários, funcionários e profissionais de saúde, todos maiores de idade. Elas assinaram um Termo de Consentimento Livre Esclarecido (TCLE) que inclui a autorização para gravar a entrevista e utilizar os dados. Foram utilizados dados secundários de diários de campo e de entrevistas realizadas previamente no Projeto de Extensão Aroeira, em um contexto de Estágio Obrigatório em Psicossocial do curso de Psicologia da Universidade de Brasília, realizados em 2018 e 2019. Foram feitas entrevistas semi-estruturada com nove pessoas. Os nomes e identidades dos participantes foram omitidos e usamos plantas do cerrado para os representar. A análise das entrevistas e dos diários permitiram compreender um pouco mais a relação entre a agroecologia e a promoção em saúde, reflexões propostas com este trabalho. As entrevistas foram transcritas e analisadas por meio da análise temática (SOUZA, 2019.)

Para entender o território em que estamos e suas relações diversas, é importante apresentar as pessoas entrevistadas para este artigo. A partir dessa apresentação, é possível destacar a variedade de envolvimento que o projeto proporciona, com diversidade de pessoas, trajetórias e inserções nas ações. Isso demonstra a abrangência de público atingido, apesar do nosso foco inicial ser para as pessoas que vivem nesse território, em especial pessoas com uso abusivo de substâncias, sobretudo crack e álcool.

Jurubeba - Comunicativo, geralmente de bom humor, sorriso aberto e contagiante, repara em cada passarinho do setor. É morador do SCS há 11 anos, cozinheiro da galera, prepara várias refeições com o que plantamos. Mineiro, de Montes Claros, cresceu na roça até os 17 anos. Está há mais de 30 pelas ruas.

Macela - É uma senhora, irmã de um paciente atendido pelo CAPS em razão de alcoolismo. Como as consultas dele coincidem com o dia de atividades do Aroeira, ela esteve presente na maioria dos nossos encontros. Muito simpática e curiosa, sempre conversou bastante com a gente.

Quaresmeira - Figura ímpar, moradora do SCS. É uma senhora que não perde a sua juventude. Tem família e casa em outra cidade, para onde vai todo mês. Anda sempre limpa, cheirosa e arrumada, cria um cachorro, sempre limpo e bem cuidado. Ela invariavelmente está fazendo alguma coisa pra levantar dinheiro, seja com vendas como ambulante, ou confeccionando artesanatos e roupas de crochê. É egressa do sistema prisional.

Baru - Rapaz jovem, de 26 anos, professor de educação física. Se aproximou do coletivo desde as primeiras atividades e desde então não saiu mais. É uma das nossas referências no aspecto técnico do cultivo no SCS e nos ajuda com ferramentas, mudas e incansável disposição. Sabe, como um professor, compartilhar seus conhecimentos de agroecologia e agrofloresta com toda(o)s nós.

Caliandra - Ainda como estudante de graduação, foi uma das pessoas que teve a iniciativa de criar o coletivo aroeira. Agrega muito ao coletivo com sua doçura e com sua experiência na relação com plantas, agroecologia e feminismo.

Embaúba - Rapaz jovem, estudante de psicologia na Universidade de Brasília entrou em contato com o coletivo através do projeto de extensão Aroeira. Proativo, sempre disposto e disponível.

Canela de Ema - O conhecemos como morador do SCS. Ajudou em alguns mutirões e ações bem específicas do coletivo. Mesmo quando não estava envolvido diretamente nas atividades, sempre esteve presente no território. Morou durante três anos na rua e hoje em dia trabalha na abordagem social. Sempre o encontramos, já que nossas ações coincidem com seu dia de trabalho e ele segue sendo importante articulador da rede de cuidado do SCS.

Jatobá - Logo ao conhecê-lo., destacou-se como era proativo, inteligente, excelente em resolução de problemas, além de extremamente comunicativo. Trecheiro de alma, é uma das pessoas com quem desenvolvemos maiores vínculos. Hoje em dia ele não mora mais na rua e leva a agrofloresta por onde passa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das entrevistas e dos diários permitiram produzir reflexões sobre a relação entre a agroecologia, a RD e a promoção em saúde. Os resultados foram trazidos para o trabalho em **três grandes temas**: uma sobre **o território e a forma que o ocupamos**; a outra sobre o **cuidado e sua relação com a saúde, os vínculos e com a natureza**. Como são percebidos os elementos de escuta, convívio social, vínculos, relações, aprendizados? O terceiro tema foi sobre a **ancestralidade e a história familiar** relacionada com atividades rurais e com a vida no campo.

Território em que estamos: chegar no sapatim...

As questões norteadoras da ação foram: Que lugar é esse que ocupamos? Quem são seus atores? O que significa plantar aqui? Essas ações fazem sentido para as pessoas que vivem aí? O quanto elas se apropriam dos jardins e dos cultivos? Como essas plantas são inseridas no cotidiano dessas pessoas? Assim, as primeiras respostas às entrevistas e recortes de diários contribuem para as reflexões associadas a essas perguntas.

As ações principais do Coletivo Aroeira ocorrem no Setor Comercial Sul, na região central do Distrito Federal. A região é composta por prédios altos e garagens, centros comerciais, vendedores ambulantes, restaurantes, executivos, transeuntes, pessoas trabalhando e resolvendo problemas. Existem muitos bares e atividades culturais e o local pode ser considerado o refúgio de muitas pessoas. É um território em que se identificam problemas similares ao de outros lugares da América Latina, usualmente batizados pela mídia como “cracolândia”, fortemente enraizado nas heranças do pós-colonialismo, escravidão, racismo e heteronormatividade. Além disso, é um território em que o tráfico e o uso de drogas estão presentes de maneira significativa, apesar do posto policial ficar em frente a um dos principais pontos de tráfico de drogas do DF. Uma das consequências da Guerra às Drogas é a dificuldade de oferecer assistência às pessoas que fazem uso problemático de drogas, em razão de todo o contexto de proibição e criminalização dessa política. Também é uma região marcada pelas atividades de trabalho sexual e as dificuldades resultantes da falta de regulamentação dessa profissão. É um território complexo, de muitas disputas e com regras específicas. Os primeiros jardins de plantio que iniciamos são justamente na cena de uso. Por exemplo, manejamos as bananeiras ao lado das pessoas que fazem uso de álcool, crack, tabaco. Há falta de condições mínimas de cuidado, de higiene, de segurança. Há várias situações de violência e opressão, muitas delas cometidas por pessoas que trabalham em nome do Estado.

Plantar, sobretudo nesse contexto, significa resistência e saúde. É trazer diversidade, de plantas, de olhares, de potências, de alternativa de alimentação. É também cuidar das pessoas, do lugar, dos seres todos que ali convivem. É ouvir, dar atenção às necessidades e anseios das pessoas que vivem e dão vida a esse território. É oferecer uma alternativa de atividade, uma atividade que movimenta o corpo, faz suar, colocar a mão na terra e perceber os aspectos positivos da sua disponibilidade de ajudar e contribuir. Algumas falas das entrevistas abordam o que significa, para cada uma dessas pessoas, plantar nesse território. Vale comentar como **Baru, Canela de Ema, Jatobá** trouxeram a ideia de que plantar agrofloresta em meio urbano, em espaços movimentados e no meio do concreto, é resistência e grande desafio, que vêm no sentido de nos lembrar como a natureza está em todos os

espaços. A noção de *inesperado*, de *resistência* de quem planta e das próprias plantas, de *fora do comum*, apareceu na fala de praticamente todas as pessoas entrevistadas.

Essas reflexões nos fazem pensar em nossa intenção no território, no objetivo do acolhimento a partir da agroecologia. Elas nos voltam para a incansável tentativa de nos afastarmos das lógicas pós-colonizadoras que importam modelos de cuidado que mais se assemelham ao controle, porque chegam com “tudo decidido” e não partem das necessidades reais dos territórios e das pessoas que aí vivem e, sim, das expectativas dos cuidadores. A fala de **Canela de Ema**, que morava no local quando chegamos, ilustra um pouco a preocupação, como ele chama de ser “mais uma ação pras pessoas ganharem nome em cima das pessoas em situação de rua, porque sempre tem isso, hoje em dia é o que mais estão fazendo”. Por isso, ter os propósitos definidos e revisitados é tão importante.

Como chegar? Chegar “no sapatinho”, com muita humildade e a partir da parceria que já tínhamos com pessoas que viveram e atuaram durante muitos anos no Setor Comercial Sul. Nossa principal referência para estar na rua e criar vínculos com a população foram os ensinamentos da Juma Santos, da ONG Tulipas do Cerrado. Juntas, pensamos muito sobre os sentidos de atuar com a agroecologia nesse espaço. Chegar com ela foi fundamental. Os diálogos iniciais com as pessoas que moravam no SCS nesse momento foram sobre descobrir quais plantas seriam interessantes para as pessoas dali, se o objetivo de utilizar a agroecologia a favor do cuidado junto com a Redução de Danos fazia sentido nesse contexto. Consideramos de suma importância que o cuidado parta de seus protagonistas, no intuito de ir tecendo a responsabilização pelo nosso cuidado e pelo cuidado de nossos pares. Além desse indicativo de **Canela de Ema**, algumas outras pessoas também compartilharam a primeira impressão sobre nosso contato inicial e, além da desconfiança, muitas relataram uma sentimentos iniciais de curiosidade, de vontade de engajamento e participação nas atividades.

Outra pergunta do roteiro foi sobre o uso das plantas introduzidas nos sistemas agroflorestais. O que o envolvimento das pessoas com as atividades do Aroeira diz sobre o território e as possibilidades que essas ações criam? O que contam as diferentes formas de uso das plantas dos canteiros/jardins? A partir das respostas sobre formas de uso e de apropriação dos jardins, podemos pensar sobre as necessidades das pessoas do território.

Semanalmente, fazemos chá com as plantas que cultivamos e oferecemos para as pessoas que estão por ali. Geralmente é uma pessoa moradora que escolhe o que vai no chá. Além das preferências individuais de sabores, os benefícios específicos de cada planta também são buscados por quem pede o chá. Assim, o boldo (*Plectranthus barbatus*), a *moringa oleifera*, a mil folhas (*Achillea millefolium*), a erva cidreira (*lippia alba*), são plantas frequentemente escolhidas a partir da intenção de quem toma o chá de se cuidar

em relação a um aspecto específico. A babosa (*aloe vera*) é outra planta que se destaca quando pensamos na busca de espécies para o cuidado. A eficácia de seu uso com a finalidade cicatrizante é reconhecida por várias pessoas no local, assim como por pesquisas. (RAMOS e PIMENTEL, 2011).

Além das plantas com propriedades terapêuticas e uso medicinal popular, plantamos bastante comida. A busca pela segurança e soberania alimentar no local está longe de ser atingida, mas todos os nossos experimentos nos dizem que é possível. O acesso à comida saudável e de qualidade é, além de direito, cuidado. Das plantas já utilizadas pelas pessoas e que foram citadas na entrevista, vale destacar pimenta, pepino, tomate, ora pro nobis, capuchinha, mandioca, batata doce, açafrão, alface, couve, rúcula, taioba.

Quaresmeira “Mas foi, cês plantou com muito carinho e nós já usufruirmos das verduras, remédios, alface, couve, tomate, todo dia nós, toda vez que nós vamos fazer uma comidinha né? Nós já têm os temperos, tem os remédios, quando as pessoas que é alcoólatras quando sente mal já tem o boldo, que é o que mais tem plantado, na verdade. O milho nós já usamos, o mastruz, remédio pra dor, tudo nós já, já ajudou muito as pessoas que necessitam.”

Jurubeba” Iji, foi uma maravilha. A gente usufrui de muita coisa aí.... A gente cozinha as coisas aí, o que não dá pra cozinhar, a gente comer cru mesmo (risadas). A gente cozinha a mandioca e come as flores crua, a capuchinha, a jurubeba, açafrão. Eu como aquilo ali brincando. Significa muito pra gente que usufrui dessa aí, né. Agora, pra muitas pessoas aí acha uma coisa ridícula. Mas pra nós, não. Ajuda bastante. É o melhor jeito de colher alguma coisa que a gente plantou aí do que ficar pedindo em porta de restaurante, sendo humilhado, xingado. Eu não, janto com meu fogão aqui, tem as panela ali, já era. De repente tá com vontade de comer alguma coisa, pega lá, bota na panela pra cozinhar o feijão, milho. Até pamonha nós já fizemos aqui, naquele fogão que cê tá vendo daí. Com tempero de liberdade. Tem coisa melhor que ser livre? Não tem coisa melhor que ser livre não.

Inicialmente, **Baru** comenta como tínhamos a preocupação em relação à utilidade das plantas e se elas seriam de fato incluídas no dia a dia dessas pessoas. Em relação a esse objetivo, ele comenta: “Acho que, além de pensar e repensar sobre isso, percebemos que o próprio ato de plantar, de ver as plantas crescerem, já era suficiente pra gente tá fazendo isso. Então, para além da utilidade, a ação não está sendo à toa. As pessoas estão usando as plantas. Mas os maiores presentes que eu já tive lá não foi questão das pessoas usando as plantas, apesar de ficar bem feliz com isso. Foi as pessoas realmente se encantando com as magias da planta. Eu vi um senhor ajoelhar e chorar vendo um milho crescer, brotar do chão. Vi a galera dar risada vendo o mamão crescer, e se relacionar com o quiabo, esperando ele vir e falar: eu que plantei esse quiabo, ou o girassol que quem plantou e cuidou foi a Lili.

Esse processo é o mais massa de tudo que é aí é isso, não precisa falar nada. A natureza ensinando por conta própria sem precisar falar nada e a gente se emocionando junto.”

Outro ponto discutido é sobre **a ancestralidade e a história familiar** de muitos dos indivíduos relacionada com atividades rurais e à vida no campo. As plantas fazem parte da trajetória de muitas delas e diversos vínculos são estabelecidos/relembrados por meio das atividades de cultivo, por isso permeiam o imaginário de vários indivíduos e da sociedade brasileira, no geral. Isso permitiu que desenvolvêssemos muitos símbolos e metáforas a partir das compreensões da agricultura e de outras formas de relação com a natureza. Esses ensinamentos sobre nós mesmos e sobre o fluxo da natureza e da vida muitas vezes dispensam palavras e ultrapassam a sobriedade, o repertório sociocultural, os bloqueios e traumas, por isso são tão relevantes nesse contexto. Falam de morte, de ciclo, de espera, de diversidade, de impulso de vida, de cuidado.

Várias pessoas trouxeram a história da família na roça, o que eles plantavam, como eram as relações de trabalho, lembranças, dificuldades e coisas boas. A maior parte das pessoas vieram de outros estados, e nos encontramos no centro do DF cuja história é marcada pela coexistência de pessoas de origens diferentes. Assim, ao plantar raízes no SCS, nos conectamos com diversas memórias de diferentes vínculos com a terra, marcados por diferentes culturas. A terra guarda nossa ancestralidade e ela conta histórias de disputa, guerra, morte e de muita alegria, abundância e vida. **Jatobá, Jurubeba, Canela de Ema, Quaresmeira, Baru** comentaram sobre seus antepassados e a vida na roça. **Macela**, além de fazer a ponte com o passado, comenta como esse vínculo se estende a filha também.

Outras perguntas fundamentais que as presentes reflexões buscam sanar são as que relacionam **a saúde, cuidado e agroecologia**, em nível coletivo e individual. Como o coletivo habita e participa das relações com as pessoas desse território? Como essas ações impactam a vida de cada uma das pessoas que se envolvem com o jardim? Percebemos como o contato com a natureza pode propiciar a saúde por diferentes formas. Uma delas é promover o estado de integração com o universo e a teia da vida. Assim, cuido de tudo e cuido de mim, pois tudo é um só. Tradicionalmente, estudos e práticas de saúde mental focam no indivíduo de forma isolada. No entanto, a Psicologia tem retomado antigas concepções sobre o ser humano como integrante da natureza, ao invés de uma criatura isolada e acima de suas leis (CARVALHO, 2013). A Ecopsicologia sugere que há uma interdependência entre o bem-estar planetário e o pessoal, de forma que o sujeito desconectado da natureza não consegue atingir seu potencial de qualidade de vida (NORTON, 2009).

Nesse contexto, o que significa a falta de cuidado e a opressão de um sistema exploratório que resulta em uma exploração parecida da terra e dos corpos? Além disso, a natureza e a agroecologia fornecem subsídios para cuidarmos da saúde através de alimentação

(nutrientes), chá, remédios, cuidado com o clima e meio ambiente (chuvas, ar). Como integramos esse cuidado no dia a dia? **Caliandra**, em sua entrevista, conta como uma das motivações do projeto foi pensar em como ocupar e melhor aproveitar os espaços da cidade e como integrar o uso das plantas, o conhecimento sobre elas e as trocas, as aprendizagens, para que as pessoas tenham acesso a essas plantas e possam fazer um uso proveitoso desses recursos da natureza.

Tirar as pessoas da rua, convencê-las de que a situação de rua não era o melhor para elas nunca foi uma das intenções do coletivo. Muitos menos considerar ou impor a abstinência como a única relação possível a ser tecida entre as substâncias e os indivíduos. A rua é muito mais complexa que nossa singela compreensão e, para muitas pessoas, a rua é o ambiente onde se sentem em casa, integradas, com diferentes formas de liberdade. Para muitos, é na rua onde podem fazer o que gostam e expressar o que são. Respeitar as escolhas individuais para o autocuidado é um princípio da RD que buscamos utilizar em diversos âmbitos possíveis. Tendo feito essa ressalva, gostaria de apresentar a história de **Jatobá**, que assim como **Canela de Ema**, não se encontrava mais em situação de rua quando fizemos a entrevista.

Jatobá: falar desse processo de RD né.... tem que começar do começo. Tem que começar com os danos. Então os meus danos começou quando eu me envolvi com química né, com drogas químicas me envolvi com crack, cocaína. Foram as drogas que começaram me afundar. Devido a isso, depois de um tempo, no ano de 2017 perdi minha mãe, fui me afundando cada vez mais, sofri umas agressões, tenho uma cicatriz na testa que me levou pra cada vez mais me afundar na droga achando que eu tinha amigos de verdade, mas que só me levavam cada vez mais pro caminho errado. Não vou julgar, falar assim, que foi eles que me levaram porque eu também escolhi esse caminho. [...] Aí morando na rua, rodei por aí um tempo e acabei chegando em Brasília. A saída da rua foi massa, mano, porque descobri que tinham pessoas que poderiam me ajudar e que através dos cursos de RD eu ia conseguir chegar a algum lugar né, algum norte. Eu teria algum norte na vida. Aí comecei a fazer o tratamento lá no CAPS. Aí chegou o coletivo aroeira junto comigo [...] Eu fui descobrindo que eu tinha amigos, que eu podia contar, amigos que poderia me ajudar e foi indo, juntando, [...] indo pra locais onde estaria junto e sempre buscando estar com amigos de verdade, que me queriam bem, não só A. e R., mas F. e uma galera, que começaram a me ajudar e, através dessa ajuda, eu sai da rua né, consegui um emprego. Primeiro fui pra revista Traços, né, e através da Traços conheci o café onde trabalhei de gerente, né, isso não vou negar pra ninguém, entrei de faxineiro e saí de gerente. E foi isso né, mudou minha vida, mudou completamente. [...] Foi o momento que sofri pra caramba e sem precisar né, eu tendo minha casa, sem precisar, tendo um lugar pra morar, um teto pra deitar a cabeça

embaixo e eu tava na rua né, tendo minha casa, que é onde tô agora gravando essa entrevista agora hoje, depois através daquele grupo de RD. Eu não tirei o dano, eu tentei reduzir. Depois que eu reduzi esse dano eu consegui administrar minha vida. Hoje eu tô de volta em casa, ainda tenho problema, tenho que admitir, ainda tenho problema com droga, não deixo de ter problema com droga, cigarro, café [...]”

Uma das apostas do projeto é que repensar a natureza, se aproximar e intensificar a relação com ela pode ser importante fator de cuidado, de prevenção e de promoção de saúde. O que isso implica para nossa saúde? Por que estão relacionadas? Quais as pontes entre saúde, cuidado e agroecologia? Entendemos que somos parte da natureza, da complexa teia da vida. Assim, a conexão com a natureza é a conexão com nós mesmos e com tudo que nos cerca e a noção de identidade integrada a esse sistema vivo pode ser importante passo na apropriação do cuidado de si, dos pares e do território. O entendimento de que somos ligados à teia da vida é um construto interdisciplinar, entendido como “cidadania planetária”. Este termo remete à ideia de que a real compreensão do valor da natureza (e de nós) leva ao seu maior cuidado, preservação (ZANETI, 2017). A Agroecologia faz parte da cidadania planetária: o “prezar pela vida” se dá inicialmente cuidando do solo, a base e origem da vida. Um solo saudável gera plantas saudias, de alto valor biológico e sem necessidade de defensivos agrícolas. Por sua vez, as pessoas que se alimentam dessas plantas obtêm tanto benefícios físicos quanto mentais. “Solo sadio, planta sadia, homem sadio” (PRIMAVESI, 2016).

CONCLUSÃO

Na experiência do projeto Aroeira, uma das constatações que a atividade de agroecologia junto a populações em situação de rua nos evidenciou foi a riqueza de construções subjetivas que as pessoas que habitam esse território produziram no contato com a natureza, o que contrasta com a invisibilidade que a sociedade insiste em outorgar a esses ambientes e seus habitantes. Nesse contexto, tido como “árido” aos olhares da sociedade, a vida resiste, cresce e floresce em formas múltiplas, diversas e contra hegemônicas. A criatividade aduba a existência e, assim, vida é semeada, plantada e replantada a cada dia.

Por meio das entrevistas e das análises subsequentes, foi possível perceber como a agroecologia de fato está relacionada a importantes fatores de cuidado, de Redução de Danos e de Promoção de Saúde e que essa relação precisa ser mais explorada e investigada para que seus alcances sejam mais abrangentes.

■ REFERÊNCIAS

1. AZEVEDO, E. D.; PELICIONI, M. C. F. Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersetorial. **Saúde e Sociedade**, 20(3), p. 715-729, 2011.
2. BORGES, L. M.; BARLETTA, J. B. Teorias e modelos explicativos em prevenção e promoção de saúde orientados para o indivíduo e para a comunidade. In: MURTA, S. G. (Eds.) et al. **Prevenção e promoção em saúde mental: fundamentos, planejamento e estratégias de intervenção**. Novo Hamburgo: Sinopsys, p. 113 - 151, 2015.
3. BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. **Decreto no. 7053**, de 23 de dezembro de 2009. Institui a Política Nacional para a População em Situação de Rua e seu Comitê Intersectorial de Acompanhamento e Monitoramento, e dá outras providências. Brasília, DF, 2009. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Decreto/D7053.htm. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
4. BRASIL. Ministério Público do Distrito Federal e Territórios (MPDFT). **Direitos das pessoas em situação de rua**. Brasília, DF, 2018. Disponível em https://www.mpdft.mp.br/portal/pdf/imprensa/cartilhas/cartilha_direitos_das_pessoas_situacao_de_rua_mpdft.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
5. CARVALHO, M. **De Frente para o Espelho: Ecopsicologia e Sustentabilidade**. 2013. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.
6. MALHEIRO, L. S. B. **Tornar-se mulher usuária de crack: trajetória de vida, cultura de uso e políticas sobre drogas no centro de Salvador-BA**. 2019. Dissertação (Mestrado em Antropologia) - Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2019.
7. MERHY, E. E.; MAGALHÃES JÚNIOR, H. M.; FRANCO T. B.; BUENO, W. S. **O trabalho em saúde: olhando e experienciando o SUS no cotidiano**. São Paulo: Hucitec, 2006.
8. NATALINO, M. A. C. **Estimativa da população em situação de rua no Brasil**. Rio de Janeiro: IPEA, 2016. Disponível em http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/26102016td_2246.pdf. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
9. NAVOLAR, T. S.; RIGON, S. A.; PHILIPPI, J. M. S. Diálogo entre agroecologia e promoção da saúde. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, 23(1), p. 69 - 79, 2010.
10. ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD. Carta de Ottawa para la promoción de la salud. In: ORGANIZACIÓN PANAMERICANA DE LA SALUD. **Promoción de la salud: una antología**. Washington: OPAS, 1996, p. 367 – 72.
11. PETUCO, D. R. D. S. **Entre imagens e palavras: o discurso de uma campanha de prevenção ao crack**. 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2011.
12. PRIMAVESI, Ana. Como conhecer o solo e sua saúde. In: _____. **Manual do Solo Vivo**. São Paulo: Expressão Popular, 2016, p. 9 – 22.
13. RAMMINGER, T.; SILVA, M. **Mais substâncias para o trabalho em saúde com usuários de drogas**. Porto Alegre: Rede UNIDA, 2014.
14. RAMOS, A. P.; PIMENTEL, L. C. Ação da Babosa no reparo tecidual e cicatrização. **Brazilian Journal of Health**, 2(1), p. 40 - 48, 2011.

15. RIBEIRO, S. M.; BÓGUS, C. M.; WATANABE, H. A. W. Agricultura urbana agroecológica na perspectiva da promoção da saúde. **Saúde e Sociedade**, 24, p. 730 - 743, 2015.
16. SOUZA, L. K. de. Pesquisa com análise qualitativa de dados: conhecendo a Análise Temática. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, 71(2), p. 51 - 67, 2019.
17. MIES, M.; SHIVA, V. **La praxis del ecofeminismo**: biotecnología, consumo y reproducción. Madrid: Icaria Editorial, 1998.
18. WORLD HEALTH ORGANIZATION (WHO) **Ottawa Charter for Health Promotion**. First International Conference on Health Promotion. Ottawa, Canadá, 1986. Disponível em <https://www.canada.ca/content/dam/phac-aspc/documents/services/health-promotion/population-health/ottawa-charter-health-promotion-international-conference-on-health-promotion/charter.pdf>. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
19. ZANETI. Educação ambiental e cidadania planetária. In: PULINO, L. H. C. Z. (org.). Educação em e para os direitos humanos. Brasília: Paralelo 15. 2017. Volume II, 161-183.